



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/reanimando/>

Reanimando um mundo que ainda vive

Rafael Ribeiro Visconti¹

RESUMO: A partir de uma etnografia multiespécies nas Terras Altas da Mantiqueira sobre a poluição causada pela criação intensiva de truta arco-íris, pergunto: por que os criadores de truta poluem a água que tanto admiram? E, então, por que poluímos a Terra que tanto admiramos? Comparando os modos de conceber a natureza dos modernos com os dos povos ameríndios, proponho um caminho possível de reanimação do mundo através de uma arte neoanimista.

PALAVRAS-CHAVE: Etnografia multiespécies. Crise ecológica. Arte animista.

Reanimating a world that still lives

ABSTRACT: Based on a multispecies ethnography in the Highlands of Mantiqueira on pollution caused by intensive rainbow trout farming, I ask the question: why do trout breeders pollute the water they admire so much? And so, why do we pollute the Earth we dearly admire? Comparing the ways of conceiving nature of the moderns with those of the Amerindian people, I propose a possible way of reanimating the world through a neoanimist art.

KEYWORDS: Multispecies ethnography. Ecological crisis. Animist art.

¹ Mestrando em Antropologia da Natureza no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP). E-mail: rafaelribeirov@usp.br.



Ensaio visual criado pelo autor. Narrativa imagética sobre os mergulhos com as trutas nas montanhas de Minas Gerais.

Chove há vários dias, escuto cada vez mais forte o deslizar do riacho perto de casa. Daqui, de cima da colina, avisto Nenê, seu filho Luís Fernando e o sobrinho-primo de sua esposa, Jonas, revezaram-se dia e noite para retirar o *fuísco* que se acumula nas grades das entradas dos tanques de trutas. A criação intensiva de truta arco-íris (*Oncorhynchus mykiss*) exige fluxo contínuo de água corrente, limpa e gelada, desviada dos riachos que descem das montanhas ao nosso redor por um sistema de diques de concreto. “*Ingenheria minha*”, conta-me Nenê orgulhoso, apontando para a própria cabeça. A água vai passando de tanque em tanque até ser devolvida de novo ao riacho poucas centenas de metros abaixo. O acúmulo do *fuísco* (folhas e galhos) nas grades bloqueia a entrada de água nos tanques e, se não for retirado a tempo, pode chegar a esvaziá-los, causando a morte de



milhares de peixes. Por isso, em noites de chuva, é preciso estar atento. Ao longo da noite toda, de tantas em tantas horas alguém se aproxima com sua lanterna da área onde está a principal captação de água para os tanques, embrenha-se na pequena mata e abaixa-se para retirar com as mãos as folhas e galhos que descem com a enxurrada.

Mudei-me para as Terras Altas da Mantiqueira durante a pandemia do COVID-19, aproveitando que meu trabalho e estudos estavam acontecendo remotamente. Chegar na roça em meio à pandemia tem suas vantagens. Como as pessoas pararam de se cumprimentar dando as mãos, poupo-me do constrangimento de notarem minhas mãos finas de homem urbano, sem calos. Não vim apenas para fazer minha pesquisa de campo, estas montanhas são minha nova casa. E, para viver aqui, é preciso aprender a lidar com a paisagem, é preciso aprender a ser *matero*. E mateiros tem calos nas mãos. Frequento essa região no sul de Minas Gerais há quase quinze anos, atraído pelas trilhas que ligam os picos da Serra da Mantiqueira. Essa área montanhosa entre 1.200 a 2.800 metros acima do nível do mar abrange as cidades de Passa Quatro, Itanhandu, Pouso Alto, Itamonte, Aiuruoca e Baependi, listadas na ordem de quem vem subindo a serra de carro a partir do Vale do Paraíba, onde corre a rodovia Presidente Dutra (BR-116) que liga as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, com trechos de Mata Atlântica e campos de altitude e de onde nascem os principais rios que abastecem o sudeste do Brasil. Mas, nas minhas vindas, caminhava por alguns dias acampando pelas cristas das montanhas e voltava para São Paulo. Não conhecia a vida abaixo dos cumes e não imaginava que a produção de truta arco-íris, de forma intensiva e em larga escala, tinha se tornado a principal atividade econômica nas pequenas propriedades locais. A região é parte da Estrada Real, marcada pela exploração e escoamento do ouro no período da colonização portuguesa. Depois veio o ciclo do leite, e mais recentemente, os trutários. Cercados das florestas pontuadas de araucárias que se esticam acima do dossel, em grande parte devastadas para dar lugar ao pasto que sustenta número cada vez menor de gado de leite e de corte, os trutários marcam a paisagem com seus buracos retangulares em espelho d'água. Em cada propriedade, dez, quinze pequenos lagos abrigam milhares de trutas que, ao final de alguns meses, são abatidas e vendidas para intermediários que comercializam o filé em mercados regionais e nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo.

Espanto-me com a chuva que não pára, nesse último ano morando aqui me acostumei aos dias de céu azul. Quando a chuva dá um respiro, Nenê aparece para um café: “*De primeiro chovia o mês*



todo, Janeiro era mês de chuva pra nós, e os rios eram sempre assim, cheios". Demorei para perceber porque ele, muito educadamente, bebia "só um dedo" do meu café *amargoso*. Aqui café em geral se bebe com leite tirado da vaca todo dia cedo, e com bastante açúcar. Ou com amendoim moído e açúcar, para começar o dia. Alugo a última parte da propriedade, encostada na floresta que sobe a montanha e de onde só se segue por trilha, a pé ou a cavalo. Nenê é o proprietário do sítio, e, portanto, sou seu inquilino. Quando cheguei, tinha um pouco de dificuldade de entender a fala local. "De primeiro", por exemplo, é uma referência a um passado distante, décadas atrás. "De primeiro chovia o mês todo", me diz Nenê, comentando sobre como o clima tem mudado desde sua infância, com verões mais secos e invernos mais rigorosos, o que me faz comentar sobre a necessidade de manter mais áreas de floresta para que as nascentes não sequem. Ser sitiante aqui é uma luta contra a floresta que insiste em voltar. "Em dois, três anos, vira tudo capoeira", me diz. Se não for roçado, o pasto vira *mato*, diminuindo a área disponível para o gado pastar. Peço que não rocem perto da minha casa, admiro essa vegetação anárquica dos campos de altitude. Mas entendo que, aqui, menos pasto é menos renda e não reclamo da roçadeira que zumba enquanto escrevo. Passando em frente à minha casa, meus vizinhos riem do meu jardim, composto de todo tipo de erva daninha que combateram a vida toda. Quem decide o que é praga e o que não é, é, principalmente, a vaca. O que a vaca não come é daninha, praga, e precisa ser retirada. Um pasto limpo é sinal de um sítio bem cuidado. E no meu jardim prevalecem as carquejas (*Baccharis trimera*), praga de difícil controle no pasto, e a corda-de-viola (*Ipomea sp.*), trepadeira que infesta os milharais e que cada vez mais envolve minha casa, plantas nativas que cultivo por sua beleza.

Na entrada do sítio mora Dona Maria, a matriarca, e alguns de seus filhos e filhas, já adultos. Mais acima na estrada, a casa de Nenê e sua esposa, Isabel, e o casal de filhos adolescentes, Luzia e Luís Fernando. Minha casinha, depois da última porteira e em cima da colina, marca o fim da linha elétrica e da estrada. Evidentemente, foi construída para alguém *de fora*, apenas esses preferem os topos de morros para suas casas, buscando as vistas. Os locais escolhem lugares mais abrigados, não tanto expostos aos ventos constantes nessa altitude. Além disso, minha casa é relativamente pequena, tem uma cozinha aberta para a sala e não tem fogão a lenha, afastando-a ainda mais dos usos locais. Estava desabitada há anos, e hoje sou o único humano que a habita, dividindo-a com uma infinidade de insetos e com o lagarto-teiú (*Tupinambis sp.*) que à noite faz barulho debaixo do



meu assoalho, e o casal de maritacas (*Pionus sp.*) que faz ninho no forro do meu quarto e que de manhã sai voando aos gritos. Nenê passa enquanto escrevo esse trecho, e me alerta que minhas andanças nas montanhas podem ser perigosas: é neste fim de tarde neblinoso que costuma aparecer a onça. Me deixa sua capa de chuva preta, longa até os pés, me dizendo *matero*. Estou há um ano aqui, e, sempre que consigo, os ajudo na criação das trutas, na lida com o gado e no trabalho com a roça. No entanto, me lembra, “você é *matero*, mas *matero* ruim, andando por aí sem cavalo, sem cachorro e canivete”. Me alegro com a distinção e a capa: *mateiro* ruim, mas *mateiro*. Ele conhece bem *os trilhos* nas matas da região, percorre-os desde criança manejando o gado. Muitas dessas trilhas são caminhos antigos, hoje menos usados com a abertura da estrada de terra para carros mais ao fundo do vale. As *criação* (cavalos, burros e bois) também conhecem bem os caminhos, e por eles às vezes somem por dias, reaparecendo quando têm *fome de sal*. Como nem tudo é cercado, as divisas entre as propriedades são porosas e os caminhos garantidos por direitos de passagem ligam as terras pelos altos dos morros. Apenas os de fora, por vezes, buscam blindar suas terras, negando passagem pelos caminhos costumeiros. O pedaço de terra onde vivo é um encontro desses caminhos, atraindo vaqueiros e, por vezes, peregrinos de vários tipos, intensificando minha sensação de que habito um território sagrado. Por aqui passam tanto a Transmantequeira, trilha de mais de 600 quilômetros que atrai montanhistas interessados em atravessar a Serra da Mantiqueira de ponta a ponta, como o caminho para Aparecida, cidade no interior de São Paulo para onde se dirigem os romeiros de Nossa Senhora Aparecida. Não dou muita conversa para suas recomendações de cuidados com a onça durante minhas caminhadas, os relatos de sua aparição são sempre cobertos de espessas camadas de dúvida. Ele mesmo nunca viu, mas vai me mostrando o que parecem ser pegadas de grandes felinos pelos caminhos na mata.

Nos dias de trabalho no trutário, vou descendo a colina da minha casa animado em direção aos tanques. Busco pelo caminho um pedaço de madeira para me proteger, caso *Nervosa*, seu cão pastor da Mantiqueira, esteja solta. À minha frente, depois do vale e mais próximo ao topo da próxima montanha, observo o *calipero*, o pequeno amontoado de eucaliptos (*Eucalyptus sp.*), e me lembro de quando, com ajuda dos cogumelos que crescem no esterco de vaca (*Stropharia cubensis*), pude entender como dançam essas árvores australianas. O *calipero* baila duro, com seu longo tronco central rijo inclinando-se da esquerda para direita, conforme o vento. Bailam em conjunto,



para lá e para cá, os eucaliptos todos, sem muita graciosidade mas com disciplina. Do outro lado do vale, as araucárias (*Araucaria angustifolia*) antigas que furam o teto da floresta, bailam sozinhas. Seus vários braços se estendem horizontalmente, com seus pompons verdes nas pontas e movem-se devagar como tentáculos de um polvo, ao redor do imóvel e rijo tronco central. Garbosas, dançam as senhoras (e os senhores) da floresta, cada uma ao seu ritmo. São elas mesmas refugiadas climáticas, regredindo às partes mais altas e mais ao sul do Brasil com o aquecimento gradual do planeta, agora agravado pela ação antrópica. Chego nos tanques para ajudar no trabalho. A truta é escorregadia. Parece coberta de uma gosma, é difícil segurá-la na mão. Se apertar demais corre-se o risco de esmagá-la, e se pegarmos com leveza ela se solta e pula onde conseguir, em geral caindo na grama fora do tanque. Minhas mãos inexperientes fazem rir meus companheiros de trabalho, Luís Fernando e Jonas. Eles me mostram como envergar um pouco o corpo da truta entre as mãos para firmar melhor a pegada. Nenê deixa o trabalho mais frio para seus ajudantes no sítio, seu filho e o sobrinho-primo de sua esposa, ambos no final da adolescência e início da vida adulta. Deixaram a escola para ajudar no sítio. A truta é um peixe originário das regiões mais frias dos Estados Unidos da América e Canadá, e foi introduzida nas Terras Altas da Mantiqueira em meados do século passado. Adaptaram-se bem às águas geladas dessa região montanhosa e fria demais para as grandes monoculturas que dominaram outras regiões rurais do Brasil. Quando conseguem fugir dos trutários, reproduzem-se nos rios locais e vivem sem auxílio humano, ferais. Em cativeiro, precisam da mão humana em cada passo de sua reprodução e crescimento. Aqui no sítio, Nenê adaptou as metodologias de criação para não terem que entrar na água todo dia que é preciso *mexer com peixe*. Em dois, arrastam uma longa rede de pesca de uma ponta à outra no tanque, de forma que os peixes fiquem acumulados em uma das beiradas, próximos da superfície, e seja possível retirá-los com um *puçá*. O *puçá* é uma pequena rede redonda, fixa na ponta de um pau, com a qual se tira da água o peixe para colocá-los nos tanques de plástico para o manejo. A truta é um peixe carnívoro, em seu habitat natural se alimentando principalmente de insetos. Nos tanques, como se acumulam aos milhares, competem pelos grãos de ração distribuídos duas vezes ao dia. Nessa luta por comida que causa um rebuliço na superfície da água, alguns peixes conseguem se alimentar melhor que outros, e assim crescem mais rápido. Por isso, de quando em quando, é preciso retirar todos os peixes da água para separá-los por tamanho, ou os pequenos terão cada vez menos chance de obter comida



e arriscam serem comidos pelos grandes. Pequenos nesse tanque, médios naquele, grandes ali. E assim seguimos por horas, arremessando os peixes em seus respectivos tanques. Por mais que estejamos fora da água, vamos aos poucos nos molhando com a água que espirra. E, nessa região, mesmo nos meses mais quentes do ano, é sempre um pouco gelado e o corpo vai esfriando, especialmente no meu caso, desacostumado com o clima da montanha. Preso aos meus afazeres no computador, raramente consigo passar o dia todo *pelejando* com eles. Quando consigo um respiro, desço até os tanques e os ajudo. Em geral distribuindo a ração pelos tanques, mas às vezes na separação, contagem dos peixes e também nos delicados processos de sua reprodução. O manejo da truta é trabalhoso, desde cedo vejo-os rondando os tanques. De manhã as trutas comem, antes de o dia esquentar. E outra vez no fim do dia. A cada vez são vários sacos de ração específica para alimentação de trutas, que precisam de muita proteína para seu crescimento. Os grãos de ração são misturados com um óleo produzido no próprio sítio a partir dos restos de trutas de outras levadas, deixando tudo com um cheiro forte de peixe. Empurrando um carrinho de mão com a ração, vou ajudando a arremessar a ração em cada tanque com auxílio de uma *cuia*, ferramenta construída com a ponta de uma embalagem de amaciante de roupas. É preciso um giro do tronco coordenado com um lance amplo do braço para que, com um movimento sutil do punho ao final, seja possível espalhar bem os grãos sobre a superfície da água a cada arremesso, evitando que caiam sobre um ponto apenas do tanque e, com a água corrente, *encostem*. São muitos peixes por tanque, que vão aos montes cortando a superfície da água em busca do alimento. Como a água corre rápido de tanque a tanque para depois ser devolvida ao riacho, os grãos de ração que os peixes não comem rapidamente vão encostando nas beiradas dos tanques, gerando desperdício. Aos poucos vou aprendendo, mas o processo todo envolve uma coreografia do corpo e atenção aos movimentos dos peixes que apenas um tratador experiente pode desenvolver. Ao arremessar a ração, não é bom projetar seu corpo todo sobre o tanque. Vendo nossa sombra, as trutas fogem para o fundo. “Elas têm medo”, Nenê me diz. Quando sou eu o tratador, as galinhas me perseguem em ruidoso cortejo enquanto vou passando de tanque em tanque, expondo minha inexperiência: aguardam ávidas pelos grãos de ração que sabem que deixarei cair fora dos tanques. A ração é a principal despesa na criação de trutas, e seu preço quase dobrou no último ano. Por isso, é preciso estar atento para evitar desperdícios. Quando o burburinho sobre a água vai diminuindo e as trutas vão deixando a



ração *encostar*, é hora de parar. Nos dias muito quentes os peixes comem menos, e nos dias muito chuvosos e que deixam a água turva, não comem. Elas se escondem no fundo do tanque e “não vêem a ração”, diz meu anfitrião-interlocutor.

Assisto, mas não participo dos dias de *matar peixe*. Tenho pena do bicho, que morre asfixiado, debatendo-se em meio ao sal. O sal impede que a carne endureça durante o processo de limpeza e produção do filé, mas, é evidente, aprofunda e alonga seu sofrimento. Em geral, nos dias em que ajudo no trabalho, recompensam-me com um peixe, que esgoelam na minha frente e me entregam, ainda se movendo, içando-o com o dedo indicador atravessando sua garganta. Não costumo comer carne em casa, então aceito a oferenda um pouco contrariado e agradeço abaixando a cabeça. Consigo ver minha hipocrisia refletida nas escamas do peixe enquanto o cozinho: meu incômodo é mais por presenciar sua morte, ali naquele espaço em que é transformado em mercadoria, do que pela sua morte em si. Depois de mortos os peixes, as mulheres assumem o trabalho. Com ajuda de sua filha Luzia e uma prima que mora próximo, Isabel coordena a limpeza das centenas de quilos de trutas mortas a cada leva, mantidas em grandes bacias de plástico e cobertas de gelo. Como os tanques ficam em frente à casa, as mulheres conseguem com mais facilidade conciliar o trabalho doméstico com o trabalho com as trutas. Retiram suas cabeças, miúdos e espinhas, deixando os filés limpos e ensacados à vácuo em embalagens plásticas para entrega aos compradores. As trutas são mortas de acordo com os pedidos dos intermediários, que vendem os filés para os restaurantes da região e do Vale do Paraíba e para as capitais mais próximas, Rio de Janeiro e São Paulo. Observo atento os *carcarás (Caracara plancus)*, aves grandes que parecem saber os dias em que os peixes serão mortos, e desde cedo vão se acumulando em uma parte do pasto não muito distante dos tanques. Depois vejo que parte dos restos dos peixes é servida a essas aves de rapina. “Eles também têm fome”, Nenê me diz ao notar meu estranhamento.

Apesar das tarefas no sítio me manterem ativo, o trabalho e estudos remotos me prendem à cadeira em frente ao computador, deteriorando minha lombar. Para tratar as dores, recebo de Dona Maria, a matriarca, uma mistura de plantas com cheiro de própolis em uma garrafa usada de álcool de cozinha. Pergunto a ela do que é feito o remédio: “*nevalgina*”, e caminha para arrancar um pedaço de uma planta do chão e me fazer uma muda. Não sabia que *novalgina (Achillea millefolium)*, remédio de gosto ruim que tomava para minhas enxaquecas quando criança, era uma planta. Conta-



me que seu marido faleceu poucos meses antes da minha chegada, mas que ele já não morava no sítio há anos: “*bibia muito*”, diz, enquanto insiste para que eu tome o café adoçado. Comenta que a água do riacho passou a “cheirar mal” depois que Nenê “inventou de mexer com peixe”. “Água de peixaria não dá para beber, a pessoa passa mal”. A criação de trutas polui os rios da região, já vinha escutando a respeito desde que cheguei, mas não tinha me deparado com os efeitos concretos dessa poluição: as pessoas não bebem a água onde há trutários rio acima. Surpreendo-me, morando rio acima do trutário convivo com a água límpida que desce das montanhas. Pergunto, então, que água eles e os outros rio baixo bebem? “Das nascentes”, me responde, arregalando os olhos um pouco incrédula com minha ignorância. A região é entrecortada por veios d'água, e cada casa faz a captação de alguma nascente próxima. E segue, lembrando a tromba d'água que varreu a região quase dez anos atrás, da qual eu já havia ouvido relatos. Depois de noites de muita chuva, uma coluna de lama desceu as montanhas com violência, levando as casas mais próximas do rio e fazendo rolar grandes rochas. “Mas ninguém morreu”.

Caminhando montanha acima de volta para minha casa, vou percebendo o acúmulo das línguas-de-vaca (*Rumex obtusifolius*) ao redor dos últimos tanques no trutário. Essa planta prefere solos com excesso de nutrientes de origem animal, em especial o nitrogênio. Com os restos de ração e das fezes dos peixes, a água que vem saindo dos tanques de trutas, se não tratada adequadamente, traz consigo mais nitrogênio e fósforo do que o ecossistema rio abaixo está acostumado. É essa a poluição dos trutários, das *peixarias*: excesso de nutrientes, excesso de alimentos. É a mesma dinâmica do esgoto doméstico não tratado sendo despejado em rios que cortam grandes cidades no Brasil, e do excesso de fertilizantes que a chuva carrega das grandes lavouras monocultoras para os corpos d'água em regiões colonizadas pelo agronegócio: eutrofização. Algas e cianobactérias se regozijam face a essa perturbação, comendo e reproduzindo-se, multiplicando-se, proliferando-se, fazendo vida. No processo, vão consumindo o oxigênio dissolvido na água e liberando toxinas, colocando em risco as outras formas de vida rio abaixo. Isso explica o “mal cheiro” na água relatado por Dona Maria.

Nenê gosta de se sentar na grama e admirar a água passando pelos diques de concreto que a direcionam aos tanques. Voltando da casa de Dona Maria o encontro sentado na grama, admirando-a. Me junto a ele e concordo: é mesmo um líquido encantador. Não me lembro de ter parado dessa



forma para admirar a água corrente com esse olhar. Então me paraliso, por que meu anfitrião polui a água que tanto admira? E então, por que poluímos a Terra que tanto admiramos? “Vi que Natureza... é uma doença de nossas ideias”, nos lembra Fernando Pessoa em versos que abrem o livro de Philippe Descola, *Beyond Nature and Culture* (2013). O poeta português rememora que a ideia de natureza, hoje tão arraigada no pensamento ocidental eurocêntrico, é uma construção presente apenas em certas culturas. Em seu livro, Descola reconstrói a emergência desse conceito na Europa a partir da ideia de *physis* no pensamento grego e da *Física* de Aristóteles, posteriormente incorporando a crença na superioridade humana da cosmogonia judaico-cristã. As oposições entre espaços selvagens (*silva*) e domesticados (*domus*) entre os romanos vai introduzir no pensamento europeu essa ideia de natureza como um espaço perigoso e ameaçador, que limita as áreas habitadas e onde acaba a civilização. No século 15, com a invenção da perspectiva linear e da pintura de paisagem, enrijece-se esse distanciamento entre o sujeito e a paisagem observada, reforçando a ideia de uma natureza pensada como um domínio exterior. É sobre essas bases que irá se desenvolver, no século 17, a física cartesiana, que representa a natureza a partir de uma visão mecanicista, como uma máquina composta de engrenagens independentes, inodora e inanimada (DESCOLA, 2013). Nesse longo processo de emudecimento das entidades não-humanas, a natureza passa a ser percebida como um acúmulo de objetos sem subjetividade, desprovidos de qualidades morais, cognitivas e sociais análogas às atribuídas aos seres humanos. É a partir daí apenas, na modernidade europeia, que é possível falar em uma autonomia do conceito de natureza, um todo a ser explorado e dominado pelo humano (DESCOLA, 2016). E vai ser em oposição às atividades humanas, quer as chamemos de “cultura” ou “sociedade”, que “natureza” aprofundará seu significado. No entanto, aponta Descola (2013), a noção de cultura surgirá em sua acepção atual apenas no século 19, associada aos debates em torno dos métodos e objetos das ciências naturais e das ciências humanas. Portanto, vemos que o dualismo natureza/cultura, uma das bases do pensamento ocidental eurocêntrico moderno e que por vezes se propõe universal e hegemônico, toma forma há menos de dois séculos. No entanto, diversas culturas contemporâneas, como certas culturas asiáticas e ameríndias, não criaram divisões que separam os humanos de plantas, rios, espíritos e outros animais: a separação entre cultura e natureza é a exceção (DESCOLA, 2013). Essas culturas não-eurocêntricas percebem sua inserção no meio ambiente não como um coletivo social



Revista ClimaCom, Esse lugar, que não é meu? | pesquisa – ensaios | ano 9, no. 22, 2022

gerindo suas relações com o ecossistema circundante, mas como componentes de um todo amplo, onde inexistem fronteiras entre natureza e cultura. Nessas culturas, animistas em sua essência, humanos e não-humanos se comunicam, convivem e interagem, no interior de uma rede de relações pulsantes envolvendo humanos e outros seres (DESCOLA, 2013). Vemos, então, que a separação entre natureza e cultura é apenas uma estranha ideologia dos modernos.

Então será essa reificação do mundo, esse descolamento do humano moderno da natureza, suficiente para explicar essa devastação do mundo que estamos empreendendo? Não falo aqui apenas da criação intensiva de trutas poluindo as águas da região que, para mim, materializam, aterram essas ideias por vezes difíceis de alcançar em tempos de destruição ecológica em escala global. Diariamente recebemos notícias sobre a extinção em massa de espécies animais e vegetais, o desmatamento desenfreado, a poluição dos mares e, também, o cada vez mais evidente aquecimento global. As mudanças antropogênicas no planeta, aceleradas nos últimos trezentos anos com a invenção do motor a vapor e o aumento significativo do uso de combustíveis fósseis, passam a ser evidentes por toda parte (HARAWAY, 2016). Nada parece escapar do alcance destrutivo do humano. Esse dualismo natureza/cultura, que embasou avanços técnicos-científicos importantes na Europa desde o século 18 a partir da reificação do não-humano, desencadeou um processo de exploração desenfreada desse universo material, visto apenas como recursos para alimentar o crescimento econômico, deixando em seu rastro a poluição do solo, do ar, e da água e a extinção em massa de plantas e animais (DESCOLA, 2016).

Mas, pensando esses temas a partir das montanhas, envolto de araucárias e convivendo com pessoas que atravessam diariamente essas barreiras porosas entre cultura e natureza, sítio e mato, me pergunto quão rígidas são essas separações dos modernos. Não seria possível ver nos modernos diversos traços de um animismo que nunca foi totalmente apagado com a emergência das cosmologias judaico-cristãs e das ciências modernas? Meu interlocutor mesmo, parece alternar entre a coisificação do mundo e o reconhecimento das subjetividades dos bichos e plantas ao nosso redor. É uma intrincada mistura do natural e do sobrenatural, um certo cristianismo anímico. Como quando notei o burro amarrado na araucária ao lado de um dos tanques, de pé ao Sol, e perguntei se não seria melhor soltá-lo para deixá-lo pastar. “Deus já deixou tudo ajeitado”, me explica meu interlocutor, abrindo bem os olhos e apontando com o indicador para cima, “o burro pasta de



noite”. É a primeira vez que Nenê invocava o Deus cristão em nossas conversas. Não que seja uma presença incomum, sua esposa é evangélica e, seu sogro, pastor de uma das igrejas neopentecostais da região. Escuto sobre Jesus quando sou convidado para o almoço de domingo, logo antes do culto. E, sentado na grama olhando a água passar, me lembrei de quando, Afonsinho, sogro de Nenê, me explicou como as coisas se organizam por aqui: “O ferro é muito poderoso, ele é tão poderoso que ninguém o quebra. Mas o fogo o derrete, derrete o ferro. Então o fogo é que é forte, ele é tão forte que consome tudo, mas como? Se a água o apaga. Então a água que é forte, a água apaga o fogo e inunda o mundo, a água é a mais forte. Mas o Sol, o Sol faz com que ela evapore. O Sol é que é forte, poderoso, evapora a água que apaga o fogo. Mas a nuvem vem passando e o encobre, esconde o Sol, esconde o Sol poderoso. A nuvem é que é forte. Mas vem o vento e empurra a nuvem, leva a nuvem embora, o vento é que é forte. Mas o vento, coitado, não pode com a montanha, a montanha segura o vento, o vento não pode com a montanha. E a montanha, alta, grande, é dura, é de rocha, mas o homem a perfura. Vai cavando, derrubando a montanha, o homem é que é forte, poderoso, desfaz a montanha”. Ouvia com atenção, e nesse ponto pensei: “que boa forma de aterrar as discussões do Antropoceno nessas paisagens, aqui está o ser humano sendo colocado acima do mundo”. Mas a história seguiu, para minha surpresa, e Afonsinho me olha nos olhos enquanto sua esposa e Isabel lavam a louça. “Um dia a morte chega, e leva o homem, acaba com o homem. A morte é que é forte, o homem não pode com a morte, a morte é a mais forte, a morte é a mais forte! Mas... Será? Não... Jesus venceu a morte, Jesus ressuscitou, venceu a morte! Jesus é o mais forte! Jesus é o mais poderoso! Ele criou o ferro, criou o fogo, a água, o Sol e o vento”. Na ocasião, não havia me dado conta da importância do regime bíblico na rede de agenciamentos humanos e não-humanos no sítio. Tendo sido criado católico, absorvi as histórias sentando e levantando com o folheto nas mãos ao longo de intermináveis liturgias dominicais. O Deus cristão parece mesmo ter deixado tudo organizado por aqui: a roça, o burro, as vacas, a serviço do “homem”. Mas e a truta? A truta que “sente fome”, que “sente medo”, e que nos dias de água turva “não vê a ração”, a truta é nova nessa cosmologia do cultivo e do pastoreio, recém-chegada nos processos de domesticação. Feral, carnívora, arisca, a truta resiste, mas aos poucos também vai sendo moldada aos desígnios humanos.



Já Latour (1994; 2004) vê, nos modernos, não a existência de dois universos estanques e purificados, de um lado a cultura, e de outro a natureza, mas processos constantes de “produção e proliferação de híbridos”, isto é, de “coisas ao mesmo tempo naturais e domesticadas, os quase-sujeitos e quase-objetos” (LATOURE, 2004), em paralelo a processos de purificação, de separação ontológica entre natureza e cultura. Por exemplo, até mesmo grande parte da Amazônia, a enorme floresta tropical símbolo da natureza intocada, pode ser entendida como pomares antropizados, já que, ao longo dos últimos milênios, a ocupação humana deixa seus rastros na biodiversidade dali, através dos ciclos de abertura de novas roças, plantio de espécies nativas para produção de alimento, e abandono dessas áreas em busca de terras mais férteis (DESCOLA, 2013; CLEMENT *et al.*, 2015). Nessa linha, deveríamos considerar a Amazônia natureza ou cultura? Mas, se os modernos também são animistas, desenvolveram uma forma bem peculiar de animar o mundo que os permite apenas ver valor na floresta derrubada, sem vida, na ocupação de sua área com gado e soja, em um esforço sem fim de expandir as fronteiras do “progresso” e sua assoladora simplificação de ecologias. No limite, os modernos vêm perseguindo a reanimação de uma natureza que as ciências modernas por vezes quiseram ver controlável, previsível, e que agora responde raivosa, imponderável, com regimes climáticos cada vez mais limítrofes. E não é esse animismo que me interessa aqui, não é desse que falo.

Observando a relação de povos ameríndios com seu entorno, é fácil notar a diferença dos efeitos das cosmologias indígenas e não-indígenas no mundo. Esses povos, sentindo-se conectados às diversas formas de vida ao seu redor, dentro de uma ontologia animista que consegue ver subjetividade, inteligência, em todo o não-humano, mantêm a floresta de pé. Caçam, pescam, derrubam a mata para fazer roça, mas em uma escala que não devasta, não extingue, não altera radicalmente a paisagem. É claro que essas relações são complexas e perigosas, nem sempre harmônicas e equilibradas. Mas é possível, mesmo que olhando de longe, a partir da visão lá do alto, dos pássaros, notar a diferença entre esses modos de existir. Enquanto uns extraem, destroem, outros preservam, regeneram. E então, por que esses povos indígenas não sentem a mesma ânsia dos não-indígenas por transformar tudo em mercadoria, assorear o rio em busca de minérios, transformar a biodiversidade da floresta em monocultura? Ouvir algumas das vozes de lideranças



indígenas mais vocais hoje, como David Kopenawa, Jerá Guarani e Ailton Krenak, ajuda a começar a responder essas questões:

Nossos antepassados nunca tiveram a ideia de desmatar a floresta ou escavar a terra de modo desmedido. Só achavam que era bonita, e que devia permanecer assim para sempre. As palavras da ecologia, para eles, eram achar que Omama tinha criado a floresta para os humanos viverem nela sem maltratá-la. E só. Somos habitantes da floresta. Nascemos no centro da ecologia e lá crescemos. Ouvimos sua voz desde sempre, pois é a dos xapiri, que descem de suas serras e morros. É por isso que quando essas novas palavras dos brancos chegaram até nós, nós as entendemos imediatamente. Expliquei-as aos meus parentes e eles pensaram: ‘Haixopë! Muito bem! Os brancos chamam essas coisas de ecologia! Nós falamos de urihi a, a terra-floresta, e também dos xapiri, pois sem eles, sem ecologia, a terra esquentada e permite que epidemias e seres maléficados se aproximem de nós!’ (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 480).

É esse o animismo que nos interessa aqui, aquele que enxerga a interdependência entre a vida humana e a vida mais-que-humana, chamemo-los a partir daqui, de forma desajeitada e provisória, de “bons animistas”, para diferenciá-los do “povo da mercadoria” que “come a terra” e arrisca causar “a queda do céu” (KOPENAWA; ALBERT, 2015).

Então bastaria reanimar o mundo dos modernos, para revertermos essa nossa relação destrutiva com a Mãe Terra? E, já caminhando por essa arriscada trilha, como reanimar o “bom animismo”? Nesse contexto de “Apocalipse” (DANOWSKI; VIVEIROS DE CASTRO, 2017), várias têm sido as contribuições no sentido de metamorfosear nossas ontologias, metafísicas e “mitofísicas”. Latour (1994; 2017), a partir sobretudo de James Lovelock, vai propor a figura de Gaia para pensarmos um Sistema Terra vivo e que reage às ações humanas, e, a partir daí, nos propõe reunificar as naturezas-culturas, para que não seja possível pensar o político sem pensar o natural. Michel Serres (1991) propõe um novo contrato natural para restaurar a igualdade entre humanos e não-humanos, encerrando a relação de dominação e exploração da natureza. Stelio Marras (2018), em seu papel de intelectual-médium que congrega o pensamento de outros “autores-espíritos”, reflete sobre o necessário “descentramento do humano em relação ao cosmos” para fundarmos “outro mundo, outros nós, outras composições, outras alianças” (MARRAS, 2018). Donna Haraway (2008; 2016), por sua vez, nos ajuda a entender o multiespécies, e o “torna-se com” o não-humano. Já Anna Tsing (2015), pesquisando as ressurgências holocênicas na atualidade, busca nos ensinar a viver nas ruínas do capitalismo. Aos poucos, e através de um novo vocabulário que começa a tomar forma, vamos percebendo que essas propostas de metamorfoses, necessárias, nas ontologias dos modernos, não



são a ânsia de um retorno, ingênuo e infrutífero, a alguma forma passada de “bom animismo”. Não há retorno possível. São proposições para um perigoso caminho até uma versão nova, contaminada, fúngica, plástica, de um animismo das ecologias de escombros. São caminhos para narrativas cada vez mais-que-humanas. Não falam apenas de voltar a sentir e intuir as agências animais-fito-fúngicas, mas também as dos seres artificiais que habitam a vida contemporânea, e as dos micróbios do nosso intestino e as do Sistema Terra, que vive e respira. É sobre conciliar as verdades das ciências modernas com outras formas de produção de verdades. Falam, então, de um animismo que vê fadas sob o microscópio, como coloca a escritora de ficção ecofeminista Sophie Strand.

O Antropoceno, um dos termos propostos para nomear uma nova época geológica, em que o ser humano passa a ser considerado a principal força moldando o planeta, acaba por invalidar essa já ilusória separação ontológica entre as histórias humana e natural (CHAKRABARTY, 2009). E pensar esse presente, esse momento de crise, de transição, como o Antropoceno, com todas as questões que esse termo suscita, vem ajudando a congregar esforços multidisciplinares, ou “entredisciplinares”, como bem pensa Marras (2018), para que essas novas formas de conceber o mundo possam emergir. E aqui as intersecções entre as artes visuais, a ecologia e um certo ativismo ambiental passam a ser fundamentais para esse processo de reanimação, reencantamento do mundo. Não falo de qualquer arte, certamente não de uma arte-mercadoria selada em galerias e museus, mas de um papel mais ampliado do/a artista: arte que é ecologicamente regeneradora, interdisciplinar, criada para cada contexto específico e em colaboração com um grupo diversificado de especialistas. Artistas já vêm há algumas décadas reagindo às questões ambientais através de uma variedade de mídias: fotografia, pintura, escultura, performance, instalações, filmes. Mas acredito que algo mais além seja possível, com artistas ambientalmente engajados, que participam diretamente da discussão e criação de soluções, e não se restringem a criar obras que gritam de dentro de espaços institucionais de arte.

Portanto, qual seria o papel das artes visuais e dos/as artistas no Antropoceno? Venho pesquisando o trabalho de artistas pioneiros em obras que intervêm diretamente para resolver questões ambientais, ainda que na escala das micro-utopias. Eles e elas tentam transformar habitats devastados ou áreas urbanas estéreis em refúgios geradores de vida, expandindo o que inicialmente se chamou de arte ambiental (*environmental art*). Esses/as artistas criam intervenções estético-eco-



Revista ClimaCom, Esse lugar, que não é meu? | pesquisa – ensaios | ano 9, no. 22, 2022

políticas que acaba por redefinir seu papel na sociedade, empenhados em alargar os limites atuais da arte, colaborando com as comunidades locais, cientistas e governos para criar projetos de arte pública tendo a ecologia como um princípio central. São artistas como Helen Mayer Harrison e Newton Harrison, com trabalhos como *Endangered Meadows of Europe*, quando em 1994 transplantaram para o topo de um museu na Alemanha campos de altitude ameaçados por um projeto de desenvolvimento imobiliário, e *Spoils Pile Reclamation*, quando conseguiram entre 1976 e 1978 desviar cerca de 3.000 caminhões carregados de terra e resíduos orgânicos para regenerar uma área destinada para entulho no interior do estado de Nova Iorque. No mesmo espírito, Alan Sonfist revitalizando áreas perdidas para o capitalismo industrial com *Pool of Virgin Earth*, em 1975, e *Time Landscape* de 1978. Ou Betty Beaumont, recriando corais com resíduos de carvão com *Ocean Landmark Project*, de 1980 e Mel Chin retirando toxinas do solo contaminado com *Revival Field*, de 1991. E podemos pensar em muitos outros e outras, como Bonnie Ora Sherk, Zheng Bo, Jorge Menna Barreto, Fernando Limberger, a lista vai se alongando. Cada um desses e dessas artistas realiza exercícios de imaginação urgentes, pensando-criando outros mundos possíveis, outros mundos habitáveis, concebendo outras formas de estar aqui como parte de uma rede maior que uma apenas entre humanos e seus seres domesticados. É claro que a imaginação não é um privilégio da arte. Mas a arte, ou ao menos essa eco-arte de que falo, pode ser o início de uma força coletiva e política mais ampla de reanimação do mundo. Precisamos de novos regimes poéticos e estéticos para pensar as narrativas desse fim, fim dos seres humanos ou apenas desta forma particular de “civilização”.

Seria esse um manifesto de uma arte neoanimista? Talvez sim. Mas prefiro seguir sonhando e criando e plantando. Desde o ano passado venho plantando círculos de araucárias pelos cantos das Terras Altas da Mantiqueira, como uma intervenção artística nas terras de quem desejar. São círculos de 15, 20 metros de diâmetro que estão, aos poucos, se proliferando. Serão dezenas, espero, plantados aos poucos ao longo dos anos. Seguirei colhendo os pinhões, semeando, plantando em círculos. Ainda não sei bem o que são, mas espero que sejam antenas para um novo animismo que se aproxima.

Recebido em: 30/03/2022



Revista ClimaCom, Esse lugar, que não é meu? | pesquisa – ensaios | ano 9, no. 22, 2022

Aceito em: 15/04/2022

Bibliografia

CHAKRABARTY, Dipesh. The Climate of History: Four Theses. **Critical Inquiry**, Chicago, v. 35, n. 2, p. 197-222, 2009. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/10.1086/596640>. Acesso em: 6 out. 2020.

CLEMENT, Charles R.; DENEVAN, William M.; HECKENBERGER, Michael; JUNQUEIRA, André Braga; NEVES, Eduardo Góes. The domestication of Amazonia before european conquest. **Proceedings B. The Royal Society Publishing**, Londres, v. 282, n. 1812, p. 1-9, 2015. DOI: 10.1098/rspb.2015.0813.

CRUTZEN, Paul J.; STOERMER, Eugene F. The 'Anthropocene'. **IGBP Newsletter**, v. 41, p. 17–18, 2000. Disponível em: <http://www.igbp.net/download/18.316f18321323470177580001401/1376383088452/NL41.pdf>. Acesso em: 6 out. 2020.

DANOWSKI, Déborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Há mundo por vir?** Ensaio sobre os medos e os fins. 2. ed. Florianópolis: Cultura e Barbárie/Instituto Socioambiental, 2017.

DESCOLA, Philippe. **Outras naturezas, outras culturas**. Tradução de Cecília Ciscato. São Paulo: Ed. 34, 2016.

_____. **Beyond Nature and Culture**. Tradução de Janet Lloyd. Chicago: University of Chicago Press, 2013.

HARAWAY, Donna Jeanne. **Staying with the trouble: making kin in the Chthulucene**. Estados Unidos da América: Duke University Press, 2016.

_____. **When species meet**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami**. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LATOUR, Bruno. **Facing Gaia: eight lectures on the new climate regime**. Malden, MA: Polity Press, 2017.

_____. Por uma antropologia do centro. Entrevista cedida a Stelio Marras e Renato Sztutman. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 397-413, 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132004000200007&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 mar. 2022.

_____. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.



Revista ClimaCom, Esse lugar, que não é meu? | pesquisa – ensaios | ano 9, no. 22, 2022

MARRAS, Stelio. Por uma antropologia do entre: reflexões sobre um novo e urgente descentramento do humano. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 69, p. 250-266, 2018. DOI: 10.11606/issn.2316-901X.v0i69p250-266. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/145647>. Acesso em: 7 mar. 2022.

SERRES, Michel. **O Contrato Natural**. Tradução de Beatriz Sidoux. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1991.

TSING, Anna Lowerhaupt. **The Mushroom at the End of the World: on the possibility of life in capitalism ruins**. Princeton: Princeton University Press, 2015.